

Elogios a *O Algoritmo do Amor*

“Cheio de charme e muita emoção, o livro de estreia de Annabelle Slator é um encontro dos sonhos transformado em livro. Com uma protagonista fácil de se identificar que recupera a fé no romance, mesmo em meio a tensões criadas por inimigos que se apaixonam e trapalhadas no trabalho, *O Algoritmo do Amor* tem tudo.”

— Emily Wibberley e Austin Siegemund-Broka,
autores de *O Rascunho do Amor*

“Uhuu! Uma nova comédia romântica chegou arrasando! Este livro de estreia tem tudo o que você busca: uma protagonista fabulosamente engraçada e fácil de se identificar, um homem irresistível e aquela dose ideal de drama. Prepare-se para se apaixonar por Eric e Grace enquanto disputam uma promoção e tentam, a todo custo, não se apaixonar. *O Algoritmo do Amor* é uma comédia brilhante e divertida perfeita para os fãs de *O Jogo do Amor* “Ódio”. Prepare-se para colocar Annabelle Slator na sua lista de compras.”

— Lizzy Dent, autora de *The Summer Job*

AMOSTRA

ANNABELLE SLATOR

Algoritmo
DO AMOR

Tradução
Leticia Carvalho



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2025

O Algoritmo do Amor

Copyright © 2025 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2025 ANNABELLE SLATOR

ISBN: 978-85-508-2590-8

Translated from original The Launch Date. Copyright © 2025 by Slator Creative Limited. ISBN 9780063383623. This translation is published and sold by arrangement with Avon, an Imprint of Haper Collins Publishers, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

S631a
1.ed. Slator, Annabelle
O algoritmo do amor / Annabelle Slator ;
Tradução Leticia Carvalho. - 1.ed. -
Rio de Janeiro : Alta Books, 2025.
320 p. ; 13,5 x 21 cm.
Titulo original: The launch date.
ISBN 978-85-508-2590-8
1. Romance inglês. I. Carvalho, Leticia.
II. Título.
05-2025/78 CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura inglesa 823

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illyabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Leticia Carvalho

Copidesque: Beatriz Guterman

Revisão: Mariana Naime

Diagramação: Natalia Curupana


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

 **alabr**
ASSOCIADO

Editora
afiliada à:

 **COL**
Classe
Associação
de Livros

*A todos os meus colegas impostores,
é inacreditável ainda estarmos
conseguindo enganar todo mundo.*

AMOSTRA

AMOSTRA



Respiro fundo, tentando me acalmar.

Eu sou capaz, eu me encaixo aqui, eu mereço estar aqui.

Repasso mentalmente o mantra que vi no Instagram; a mais recente tentativa em meio a várias de superar esta insegurança que me corrói.

Eu sou capaz, eu me encaixo aqui, eu mereço...

Um pigarro quebra minha concentração e quando olho para cima, lá está *ele*, com um sorriso de canto, como se soubesse exatamente o que se passa na privacidade da minha mente e achasse pura perda de tempo.

Foi preciso cinco anos de muita dedicação para conquistar meu cargo atual: gerente de marketing de uma das maiores start-ups de Londres. Acordo todos os dias com a sensação de que tudo vai ruir, de que o disfarce de competência que sustento vai cair, expondo meu verdadeiro eu medíocre para o mundo inteiro. Já Eric Bancroft age como se nada o abalasse.

Meu currículo parece um recibo de farmácia de tão longo, lotado com cada peça minúscula de marketing que já fiz: desde promoções (30% de desconto!) até campanhas de antidepressivos e antialérgicos de uso sob orientação médica. Todo o histórico de carreira de Bancroft está gravado no anel de sinete de ouro que ele gira no dedo quando está entediado.

Neste exato momento, ele está sentado ali, do outro lado da mesa de madeira enorme da sala de reuniões, totalmente relaxado. Sem questionar por um segundo sequer se merece estar aqui. A luz do sol londrino entra fracionada pela janela da sala de reuniões do décimo segundo andar, banhando metade de seu rosto. Faz com que seus olhos, de um azul quase gélido,

brilhem com tanta intensidade que parece que poderia lançar raios através dos óculos de armação marrom mesclado que, tenho certeza, usa apenas para parecer mais inteligente.

Eu o fuzilo com o olhar.

— Grace?

O som do meu nome sendo dito como se fosse uma pergunta reverbera nas paredes de tijolos brancos. Minha chefe, a lendária Susie Jopling, me fita, aguardando uma resposta.

— Ah, desculpe. — Meu notebook zune baixo quando abro a apresentação com meus gráficos de desempenho e crescimento do mês para projetar na parede. Meus dedos suados digitam no teclado enquanto mentalmente mando o coração se acalmar. — Susie, pode apertar a setinha de avançar para mim, por favor? Eu aviso quando precisar...

Eu sou capaz, eu me encaixo aqui, eu mereço estar aqui.

— Virou a noite, Hastings? — pergunta Eric Bancroft, com um sorriso de vilão, mordendo a ponta de uma caneta do Grupo Catch com seus dentes impecáveis.

Ele adora me chamar pelo sobrenome, como se eu fosse uma de suas rivais da escola de elite.

— Tem gente que trabalha até tarde, Bancroft — retruco com um sorriso forçado, mantendo os olhos fixos na tela. Uma risadinha discreta de Dharmash, seu chefe, preenche o silêncio enquanto meus olhos se ajustam aos slides da apresentação projetados na parede. — Próximo slide, por favor.

Com confiança fingida, pigarreio e aliso as lapelas de camurça rosa do meu terninho vintage da sorte. Não é a escolha mais esperta para um verão escaldante na cidade, mas, junto com os tênis usados comprados no eBay que parecem caros, faço todos acreditarem que estou completamente no controle.

Aponto a mão para o primeiro gráfico, que mostra um crescimento.

— Como podem ver, a Fate teve um aumento fantástico de usuários este mês. A nossa campanha mais recente, “Amor Verdadeiro”, atingiu o público-alvo que queríamos. A base de usuários entre 25 e 34 anos cresceu sete por cento mês após mês, o que me deixa muito feliz.

Bancroft se recosta na cadeira e cruza os braços por cima da camisa azul-marinho, sem dúvidas de grife. Ele age como se já tivesse ganhado a Batalha dos Gráficos deste mês, como um gladiador que já se considera vencedor antes mesmo de entrar no ringue.

— Podemos dar uma olhada no vídeo da campanha? — pergunta-me Dharmash. — Adoraria ver o que vocês andam fazendo do outro lado da cerca.

A cerca, neste caso, simboliza a divisão metafórica entre as duas empresas notoriamente opostas do escritório do Grupo Catch: Fate e Ignite, cada uma localizada em um espaço próprio, separadas por um andar no arranha-céu do GC. Os outros dez andares são destinados aos vários outros aplicativos de jogos, serviços de streaming e redes sociais da empresa de tecnologia. Quando comecei a trabalhar na Fate, achava estranho os dois principais aplicativos de namoro do grupo ficarem em andares diferentes, mas agora agradeço aos deuses projetistas de escritórios por não ter que esbarrar com Eric Bancroft todo santo dia.

— Está no slide seguinte. Susie? — Olho para Susie, que está absorta no celular. Sentindo o rosto esquentar, vou até o notebook e aperto o play, tentando retomar o foco enquanto uma música suave começa a tocar e o vídeo mostra duas pessoas em uma varanda. Um homem e uma mulher belíssimos, de mãos dadas, rodeados por arbustos de rosas cor-de-rosa em plena floração, para ser exata.

“Nunca gostei da ideia de usar um aplicativo de namoro para encontrar o amor verdadeiro, mas estou tão feliz por ter dado uma chance ao Fate.” O homem atraente, na casa dos vinte e poucos anos, fala com alguém atrás da câmera enquanto lança olhares fugazes para a linda mulher agarrada ao seu braço musculoso, um enorme anel brilhando em seu dedo com unha feita em manicure.

“Tentei outros aplicativos, mas nunca sabia quem queria um relacionamento sério e quem só estava atrás de algo casual”, acrescenta a mulher. “Foi graças ao Fate que nos encontramos em meio a um mar de pessoas que não queriam nenhum comprometimento”.

Ela dá um beijo na bochecha do homem, e ele sorri de volta. Eu me esforço para não fazer uma careta.

Já revi esse vídeo umas cem vezes para garantir que cada cena fosse a personificação perfeita de uma história de amor de sucesso da marca Fate. Um ano atrás, eu teria caído nessa, mas agora o melodrama de “amor verdadeiro” me dá vontade de vomitar, gritar e chorar ao mesmo tempo.

Desde que William terminou comigo, a ideia de encontrar um amor verdadeiro parece um sonho impossível, inventado apenas para gerar downloads e vender planos de assinatura. A Fate é uma máquina sem alma que eu mesma criei, que vende promessas clichês em filtros cor-de-rosa para iludir os usuários com a ideia de amor verdadeiro. Passo a maior parte dos meus dias criando novas formas de vender um conceito que não me convence mais: um romance arrebatador, transformador e que promete acabar com a solidão.

Com um floreio musical final, o vídeo chega ao fim, e eu retomo minha apresentação.

— Hoje à noite, Susie dará início a uma série de palestras sobre vida, amor e carreira com o objetivo de atrair usuários influentes e sérios, complementando os resultados e garantindo que a proposta do Fate permaneça como a melhor da cidade.

Apesar da relutância de Susie em me oferecer um mísero elogio, é graças a eventos como este que o Fate está se tornando, aos poucos, o aplicativo de namoro número um para quem busca um amor clássico, de conto de fadas. Infelizmente, o crescimento da Fate é muitas vezes ofuscado pela estratégia de marketing da Ignite: “curta primeiro, pergunte depois”. Entendo o apelo do aplicativo deles: é prático e simples. Só que é o oposto do que eu quero; nunca consegui bancar a despreocupada e fazer o estilo “casual”. Diferente de certas pessoas aqui, não tenho estômago para pular de pessoa em pessoa como quem prova novas sobremesas no cardápio; prefiro aceitar que vou ficar sozinha.

Lanço um olhar para Bancroft e nossos olhares se cruzam por um segundo antes de ele voltar a encarar a tela. Dá para ver que ele está elaborando suas provocações para depois da reunião. Merda, preciso bolar algo também. Passei os últimos seis meses pensando tanto nele só para não deixar que levasse

a melhor. As coisas não eram assim antes; nós já fomos amigos. É por isso que ele sabe me atingir onde mais dói. A dinâmica das nossas posições sempre deu um toque de rivalidade às nossas interações, mas agora ele faz questão de que suas alfinetadas doam por dias. Provocações amigáveis deram lugar a um gosto amargo e visceral no fundo da minha garganta. Bancroft passa um de seus dedos longos pela minha página minuciosamente formatada de gráficos de crescimento e suspira contente. Apos- to que está comparando os números com os dele. Sinto a pele esquentar e suar ao perceber que ele venceu a batalha de marke- ting deste mês.

— Não, meu bem, você se equivocou — intervém Susie, com uma risada carregada de condescendência, me trazendo de volta à sala à minha frente. — *Você vai comandar as palestras; não tenho tempo para isso.*

— Ah, entendi. — Eu me atrapalho toda, soltando uma risa- dinha sem graça e ajeitando os cachos ruivos atrás da orelha. — Acho que consigo me virar... — Deixo a frase morrer ao ima- ginar o deserto que é o espaço pós-18h do meu Google Agenda. Não é de estranhar que Susie esteja me fazendo substituí-la: isso virou algo corriqueiro nos últimos anos. Quando perguntei so- bre estágios na Fate, ela me deu uma oportunidade. Quando a Fate foi adquirida por Martin Catcher por uma fortuna e passou a ser parte do Grupo Catch, Susie seguiu como a emblemática Chefa®, à frente das operações diárias. Insistiu que sua equipe principal, incluindo eu, mantivesse os cargos.

Ela é responsável por todo o meu crescimento profissional e sempre faz questão de me lembrar disso. Sou grata a ela, mas desde a compra da Fate, sinto que estou sempre pisando em al- çapões, cuja alavanca é ela quem controla.

— Não é como se você tivesse algo melhor para fazer, né? — pergunta Susie.

Uma onda de vergonha intensa percorre minhas veias, indo direto para o meu peito que bate acelerado. Precisava falar desse jeito? É a verdade, mas ela não precisa expor minha vida sem graça na frente de todo mundo como se fosse uma atração de circo. Venham ver a Mulher Solitária, ela ganha a vida promo- vendo o amor, mas está mais sozinha que capivara na chuva!

— Humm, não. Hoje à noite, não. — Sinto o rosto arder, como se tivesse acabado de pegar sol. Volto a me sentar, tentando não olhar para o sorriso vitorioso que sei que me aguarda do outro lado da mesa. Fracassada no trabalho, fracassada na vida. Por que isso nunca acontece com *ele*? Talvez porque o chefe dele saiba dar o devido valor ao tempo de Bancroft. Ele jamais passará por uma coisa dessas; é venerado na Ignite desde que lhe deram esse cargo de mão beijada.

Ele se levanta para sua apresentação, passando uma mão no cabelo loiro cor de areia e dominando a sala com uma facilidade majestosa, sem precisar dizer uma só palavra. Ele para bem atrás de mim, o que me obriga a girar a cadeira em 180 graus para testemunhar sua vitória certa. Ele é alto, talvez um dos homens mais altos da empresa, mas é sua aura inata de quem se sente completamente em casa que faz com que todos se calem e prestem atenção antes mesmo que abra a boca. Bancroft me olha de cima a baixo e gesticula com as sobrancelhas para indicar que eu abra passagem.

Sai da frente... quem realmente se encaixa aqui chegou.

Mordo o interior da bochecha e pressiono as solas dos pés no carpete sem graça, fazendo as rodas da cadeira chiarem ao serem arrastadas pelo chão.

— A nossa meta deste mês era impulsionar a captação de usuários, algo que conseguimos com facilidade graças a uma variedade de projetos bem-sucedidos. — Ele pressiona um botão preto para avançar para o próximo slide.

Olho ao redor. De onde ele tirou esse controle remoto? Será que trouxe de casa ou estava aqui o tempo todo? Os outros parecem totalmente alheios a isso; não devem nem ter notado.

— Nossa abordagem multimídia foi fundamental para o sucesso das campanhas atuais. Diferente de alguns concorrentes, que preferem um marketing ultrapassado, estamos utilizando inteligência artificial e realidade virtual para reforçar nossa proposta única de valor.

Ele segue assim por mais cinco minutos, soltando jargões corporativos que tenho certeza que todo mundo está fingindo entender para não parecer burro. O que mais me incomoda é que ele não precisa fazer tudo isso. Não é algo que esperem dele.

Ele é uma imagem, uma marca, um legado. Um sorriso perfeito e cabelo estiloso ao qual os usuários podem aspirar ou desejar. Ser ele ou transar com ele. Ainda assim, ele entra nesta sala todo mês e tenta, por vezes conseguindo, vencer.

É como se sentisse algum tipo de prazer doentio ao competir comigo.

Quando a reunião se encerra, mantenho os olhos fixos no celular e me dirijo até a porta. Para ser sincera, eu mesma me coloquei nesta situação, saboreando demais os meses em que venci, passando os dias seguintes me gabando, esfregando na cara dele e me divertindo horrores com sua derrota. Determinei o clima dessa rivalidade há muito tempo e agora não há mais volta. Sim, talvez tenha exagerado no dia em que mandei um bolo de sorvete com a frase “Maior Perdedor do Mundo” para o escritório dele. É bem possível que minhas ações tenham criado uma criatura cujo único fim é me destruir. Minha versão do monstro de Frankenstein, com seu 1,90 metro, cabelo loiro escuro, olhos azuis e óculos falsos.

— Dois meses seguidos em que os meus números de crescimento superaram os seus, Hastings. Está perdendo o jeito — disse ele, projetando o queixo e fazendo um beicinho zombeteiro com o lábio inferior carnudo.

Que vontade de agarrar aquele lábio e arrancá-lo daquela boca prepotente.

— A única coisa que estou perdendo é a paciência com essa conversa. — Dou meia-volta e saio, fazendo questão de rebolar um pouco mais do que costumo ao deixar a sala de reuniões.

Bancroft me segue em direção ao elevador reluzente no fim do corredor. É difícil fazer uma boa saída dramática num corredor estreito quando um homem grande e irritante toma conta de quase todo o espaço.

— Se estiver precisando de ajuda, é só falar. Te dou umas... — ele inclina a cabeça, me analisando de cima a baixo — dicas.

Reviro os olhos e faço um muxoxo, encarando o sorriso irônico permanente em seu rosto. Ele deveria patentear essa expressão: o Sorriso Permanente, exclusivo para os mais arrogantes de Londres. O Sorriso Permanente, sem dúvida herdado do pai célebre, tem sido a chave para abrir portas que eu nem sabia que existiam.

— Valeu, ó sabichão. Quando precisar organizar uma festa para fazer calouros bêbados criarem conta no Fate, eu te chamo. O meu aplicativo é para quem busca algo real, alguém que leva o amor verdadeiro a sério.

— Ah, entendi... então você deveria mesmo estar à frente do marketing? — contesta Bancroft, fazendo um biquinho.

Inclino a cabeça para o lado e o encaro com um olhar incrédulo, incapaz de formular uma resposta rápida.

Ele desconversa, percebendo que passou do ponto.

— Fala sério, Hastings. Você não acredita nessa baboseira de conto de fadas.

Consegui sustentar a fachada para quase todo mundo, então detesto que ele perceba que meus sentimentos estão ficando cada vez mais amargos.

— Claro que sim. Eu amo o amor.

Ele me analisa com um olhar penetrante, avaliando minha declaração antes de revirar os olhos.

— Ah, qual é, não me insulte. Conheço você melhor do que pensa.

— Você não sabe nada sobre mim. Vai me desculpar, mas eu não quero sair por aí com qualquer um e depois nunca mais ver a pessoa.

Julgar a vida sexual de alguém... não foi uma jogada muito elegante, mas é sempre um insulto fácil e uma forma de desviar a atenção do eleito “Solteiro do Ano” pela *Societeur Magazine*.

— O Ignite está repleto de homens que chamam as mulheres de “fêmeas” ou que procuram alguém que “não se leve tão a sério” — continuo. — Tradução: “Não se leve a sério, porque eu não vou”. Convenhamos, o seu aplicativo é um desrespeito com as mulheres.

— E é isso que o Fate faz? Respeita as mulheres? Você respeita o fato de que elas podem querer algo além da Pessoa Certa?

Bufo, sabendo que ele tem razão, mas irritada demais para admitir. Então, digo:

— Está falando igual um programa educativo. Você consegue passar do primeiro encontro ou as mulheres só aturam sua personalidade para aparecerem na mídia?

— Melhor ir a primeiros encontros do que a nenhum. Ou será que a Susie já liberou espaço na sua agenda para isso? Espero que seja elogiada por passar o resto da vida solteira e na seca. — Ele revira os olhos, deixando claro que só a ideia já o apavora.

— Nem tudo é questão de receber elogios, mas de conquistar confiança, coisa que você nunca precisou se esforçar para ter! — Percebendo que nossos chefes estavam se aproximando, abaixo o tom da voz para o meu argumento final. — Desça para o seu andar, Babacroft, ou, melhor ainda, para o inferno.

Uma expressão de decepção surge em seu rosto enquanto ele aperta o botão do elevador, mas logo recobra a compostura de sempre. O elevador apita quando chega para levá-lo ao andar da Ignite, um abaixo da Fate.

— Beleza, eu vou. — Ele cede e entra no espaço prateado. As luzes do elevador o envolvem em um brilho angelical enquanto ele espera que eu entre, mas me recuso a ficar naquele aperto com ele. Nem por um segundo sequer.

— Que bom. Diga aos outros demônios que mandei “oi”. — Sorrio e aceno, sentindo um gostinho de orgulho por ter dado a última palavra.

Houve uma época em que conseguíamos ficar no mesmo ambiente sem trocar encaradas hostis sob a luz das telas de computador ou revirar os olhos durante o café na copa. Já fomos colegas cordiais, companheiros de trabalho, parceiros. Já fomos amigos. Agora, agimos como rivais em um campo de batalha, aguardando que o outro inicie as hostilidades do dia, desencadeando nosso ciclo de insultos, afrontas e ataques. A gente finge que sempre foi assim. Finge que um ano inteiro de conversas diárias jamais aconteceu. Finge que várias outras coisas nunca aconteceram.

— Relaxa, Hastings. Vou guardar o seu segredo. — Bancroft abre aquele sorriso travesso de novo enquanto pressiona o número do andar dele. — Mas acho que no fundo nós dois sabemos... você adora passar o dia em cima de mim. — O elevador se fecha e eu fico ali, com as bochechas queimando.

Raiva transborda por todos os poros. Direcionada a ele, a Susie, mas, principalmente, a mim mesma. Mesmo quando